

CRESCER E VIVER NAS MARGENS: *El Callejón Oscuro*, de Susana Gertopán, um Ambiente Plural*

Cynara Almeida Amaral Piruk**
Alexandra Santos Pinheiro***

Resumo: O artigo analisa a obra *El callejón oscuro*, da escritora paraguaia Susana Gertopán (2010). Descendentes de judeus, a escritora representa, em sua narrativa literária, a contextualização histórico-cultural sobre a chegada dos imigrantes judeus no Paraguai e como eles se adaptaram à cultura latino-americana. Neste processo de construção de identidades culturais, os conceitos de diáspora e de entre-lugar são fundamentais. Portanto, a análise aqui apresentada dialoga com os estudiosos e teóricos Stuart Hall (2015); Juliana R. Cancian (2007) e Homi K. Bhabha (2013). A abordagem metodológica se pauta na pesquisa bibliográfica e, a partir dela, buscamos compreender como a construção das personagens e do enredo dão visibilidade a estes sujeitos forçados a deixar sua pátria e a maneira complexa com que dialogam com o novo espaço de morado.

Palavras-chave: *El callejón oscuro*; Susana Gertopán; Identidade.

* O presente artigo é fruto de uma parte da dissertação de mestrado intitulada “Crescer nas margens: memória e identidade cultural em *El callejón oscuro*, de Susana Gertopán”, do Programa de Pós-Graduação em Letras FACALE/UFGD, na área de Literatura e Práticas Culturais, defendida em 2020.

** Mestre em Letras pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Revisora de textos da editora da UFGD. E-mail: cynara.amaral2014@gmail.com.

*** Professora da pós-graduação e do mestrado em Letras da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Bolsista produtividade do CNPq. E-mail: alexandrapinheiro@ufgd.edu.br.

CRECER Y VIVIR AL MARGEN: *El Callejón Oscuro*, por Susana Gertopán, un Ambiente Plural

Resumen: El artículo analiza la obra *El callejón oscuro*, de la escritora paraguaya Susana Gertopán (2010). Descendiente de judíos, la escritora representa, en su narrativa literaria, el contexto histórico-cultural de la llegada de inmigrantes judíos al Paraguay y cómo se adaptaron a la cultura latinoamericana. En este proceso de construcción de identidades culturales, los conceptos de diáspora y de lugares intermedios son fundamentales. Por lo tanto, el análisis que aquí se presenta dialoga con los eruditos y teóricos Stuart Hall (2015); Juliana R. Cancian (2007) y Homi K. Bhabha (2013). El enfoque metodológico se basa en la investigación bibliográfica y, a partir de ahí, buscamos comprender cómo la construcción de los personajes y la trama dan visibilidad a estos sujetos obligados a dejar su tierra natal y la forma compleja en que dialogan con el nuevo espacio de vida.

Palabras clave: *El callejón oscuro*; Susana Gertopán; Identidad.

Considerações iniciais

Susana Gertopán escreveu contos que foram publicados em antologias, periódicos, e revistas nacionais (Paraguai) e internacionais. Muitos de seus textos também estão em textos didáticos editados pelo Grupo Editorial Santillana (Espanha) que são utilizados em cursos de literatura, nos colégios de ensino médio do Paraguai, pois várias de suas obras são utilizadas como textos de estudos nas cátedras de literatura de diferentes escolas públicas e privadas do seu país. Críticos literários e professores paraguaios como o Dr. Carlos Martini, Prof. Dr. Roque Vallejos, Osvaldo González Real, Prof. Dr. Enrique Marini Palmieri escreveram críticas literárias sobre sua literatura.

A narrativa *El callejón oscuro* (2010) inicia com uma troca de cartas entre primos. O livro totaliza vinte e oito capítulos. No primeiro, Ariel escreve para seu primo José, pedindo ajuda para lembrar um fato marcante e assustador ocorrido com eles no *callejón oscuro* (“beco

escuro”, em português), em Assunção, quando eram adolescentes. José é o protagonista e o narrador da história e responde à carta a partir do segundo capítulo que, assim como os demais, são anotações e cartas escritas em resposta ao seu primo. A obra está ambientada no período da ditadura no Paraguai, o que levava o povo a viver um autoexílio. José nasceu em Assunção, mas toda sua família era de imigrantes judeus poloneses — seus avós haviam saído da Polônia entre as duas grandes guerras mundiais —, mas, apesar de buscar exílio naquele país, vivia com medo do governo e sentia muitas saudades de sua pátria.

José, então, rememora o período de sua adolescência, a vida cotidiana no bairro Pettrossi, em Assunção, onde viviam os imigrantes judeus. Também se recorda de como era seu relacionamento com seus pais, com os amigos do bairro, suas descobertas e novas amizades do Mercado. Os pais de José tinham uma loja onde vendiam roupas. Os imigrantes que se instalaram naquele bairro abriram seus comércios, mas se mantinham ilhados em sua cultura, tradição, língua, religião e memórias traumáticas. Desobedecendo aos conselhos de seus pais, o protagonista ousa atravessar a avenida principal do seu bairro para conhecer o Mercado 4 (do lado paraguaio), onde encontrou outros comerciantes, camponeses paraguaios e indígenas, que lhe apresentaram um novo mundo cheio de riquezas culturais.

Naquele mercado, os paraguaios também viviam exilados: os camponeses com seu idioma guarani e pobreza; os indígenas com seu idioma maacá, seus artesanatos, com abandono e miséria. Lá eles se reuniam para vender suas ervas medicinais, trabalhos manuais e alimentos. A avenida que separa o bairro Pettrossi do Mercado 4 representa uma fronteira física e psicológica que divide as duas culturas (judeus x paraguaios). Ao cruzar as margens, José aprende outras línguas indígenas, descobre as ervas medicinais e faz novas amizades com paraguaios.

Do outro lado da avenida também existia o *callejón oscuro* (“beco escuro” em português), um lugar de comércio ilegal, prostituição, abusos e miséria humana. José é atraído para esse lugar misterioso e proibido, e ao se relacionar com aquelas pessoas, o rapaz se compece e tenta ajudá-los. O final da narrativa informa que José, ao se tornar adulto, decidiu trabalhar no beco escuro, onde abriu um consultório de terapia e medicina alternativa.

Susana Gertopán tem, em suas obras, a visão de preservação da memória e da identidade cultural. Essa visão é apoiada por Le Goff, ao definir memória como “propriedade de conservar certas informações”, de forma que “remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas” (LE GOFF, 2003, p. 423). A autora paraguaia escreve as memórias vivenciadas por ela e por seus familiares, também atribui a devida importância à preservação e ao cultivo da memória. E através dessa obra memorialística, *El callejón oscuro*, traz a representação da identidade cultural do seu povo, tanto dos imigrantes quanto dos paraguaios.

Com a globalização, as imigrações, as diásporas, as mudanças nos papéis sociais e as inovações do pensamento filosófico, as pessoas estão mudando sua percepção de sujeito e se abrindo às possibilidades para reconhecerem o pertencimento a várias culturas e ideologias simultaneamente. De acordo com Hall, “esse duplo deslocamento — descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos — constitui uma ‘crise de identidade’ para o indivíduo” (HALL, 2015, p. 10). O teórico afirma que a crise de identidade faz parte de um “processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social” (HALL, 2015, p. 9). É por meio dessa crise de identidade que o sujeito se transforma, obtendo outras identidades, às vezes contraditórias.

Na narrativa literária, o personagem José passa pelo processo de transformação como sujeito social, reconhecendo e assumindo sua identidade cultural não apenas como um imigrante europeu judeu, mas também como paraguaio. As múltiplas identidades culturais são características dos indivíduos pós-modernos e as representações desses aspectos podem ser observadas nas literaturas pós-coloniais. Em *Él callejón oscuro*, portanto, José narra sobre a forma com que os pais o educaram para não atravessar a avenida, pois deveria permanecer dentro das fronteiras “imaginárias” do seu gueto. O rapaz foi incentivado por seus pais a estudar para que, quando crescesse, pudesse voltar ao seu país de origem:

En aquel tiempo, todavía yo no había descubierto el Mercado. Me estaba prohibido cruzar la avenida y llegar hasta él. Tampoco me daban la causa de tal restricción; la negativa era clara y determinante.

No existía lugar para contradicciones, mis padres no eran personas fáciles, abiertas, con quienes uno podía discutir. Era absurdo imaginar que los tres pudiéramos mantener una conversación animada en la que yo intentara demostrarles algún error o alguna equivocación cometidos por ellos. Cualquier tentativa que yo intentara demostrarles algún error o alguna equivocación cometidos por ellos. Cualquier tentativa que yo hiciera en señalar que sus ideas o teorías eran obsoletas, confusas, el resultado era un nuevo enfrentamiento. Por ello, a veces, prefería callar o esconder mis intenciones, mis paseos y mis sueños.

No tenían la predisposición de intercambiar opiniones, ni nada parecido. Aquella imposición para mí injustificada, la de no atravesar la calle para llegar hasta el Mercado, estimulaba aún más mi interés por saber cuál era el secreto que podía guardar aquel lugar para mí. Mientras, de lejos, yo trataba de adivinarlo, imaginando detalles y sacando

conjeturas que me llevaron a descubrir que no tenían ninguna vinculación con la realidad de ese lugar, ni con todo lo que el Mercado podía brindarle a mis sentidos. (GERTOPÁN, 2010, p. 75-76).

A família de José utilizava a estratégia da territorialidade humana para influenciar e controlar seu filho. O protagonista declara que se sentia preso, vivendo um exílio angustiante e que não compreendia as razões que o proibiam de atravessar a rua e conhecer o Mercado do lado paraguaio. Sobre a chegada dos judeus no Paraguai e a estruturação da comunidade ao fundar templos, escolas e sociedades judaicas, na obra *Los judíos en el Paraguay*, Alfredo Seiferheld (2012) relata que, em 1906, ocorreu a primeira imigração coletiva e organizada de judeus no Paraguai. Os primeiros serviços religiosos regulares foram organizados no país a partir de 1913, o Tempo Israelita Latino del Paraguay foi fundado pelos judeus sefarditas (descendentes dos antigos judeus oriundos da Península Ibérica). Em 1916, a congregação sefardita também fundou a Sociedad Alianza Israelita del Paraguay (SEIFERHELD, 2012).

A comunidade desejava a criação de uma escola judaica no Paraguai, a fim de que as crianças nascidas no país pudessem aprender os rudimentos do hebreu, recebessem instrução religiosa e que de alguma forma não perdessem a cultura ancestral de seus pais. Entre 1924-1925 foi realizada a primeira aula de instrução religiosa e de *íidiche* (língua dos imigrantes judeus) em Assunção. No entanto, a Escuela Integral Estado de Israel só foi fundada em 1959, reconhecida pelo Ministerio de Educación y Culto (SEIFERHELD, 2012). Uma das características da comunidade judaica, além da delimitação do seu território e religião, era a língua judaica. José relata que falavam *íidiche* em casa e sua mãe se recusando a falar a língua espanhola (castelhano). Vale lembrar que o *íidiche* é a língua familiar dos judeus na Europa oriental (BUNSE, 1983, p. 25).

Na narrativa *El callejón oscuro* (2010), Luísa, a mãe de José, defendia a tradição judaica e o idioma *yídiche*. Ela falava apenas a língua materna com a família e vizinhos judeus e até arranjou briga com uma feirante paraguaia, que não a compreendia em sua língua judaica. José tenta conscientizar sua mãe sobre a necessidade de falar em espanhol com os paraguaios, sem muito sucesso:

No entendí, finalmente, el porqué de esa discusión, lo que sí estaba claro era que mi madre y Rebeca, la vecina, no podían seguir hablando en yiddish frente otras personas que no lo entendieran. Pensé que sería beneficiosa, en ese momento, mi intervención.

- Mamá, no hables más en yiddish, habla en castellano, para que te entiendan — dije.
- Yo voy a hablar como quiero — me respondió mi madre.
- Pero está mal, porque lleva a confusiones.
- Ellos hablan delante de mí en guaraní y yo tampoco entiendo y no digo nada, no me quejo, ni pregunto de quién o de qué están hablando.
- Pero es otra situación.
- ¿Por qué es diferente? Cuando ellos hablan en guaraní yo no me quejo.
- El guaraní es el idioma que se habla en este país.
- En este país se habla castellano.
- Vos lo acabas de decir, entonces habló bien castellano.
- ¿Y qué va a pasar con el yiddish? Me voy a olvidar.
- No, no te vas a olvidar.
- Así como vos te olvidaste de quién sos, yo no me puedo olvidar de quién soy, porque olvidarse es morir.

Decidí poner fin a aquella discusión. Mi madre seguía obsesionada en mantener vivo el yiddish, olvidando que se trataba de un idioma en vías de extinción al igual que toda una tradición de la que éramos parte. La Segunda Guerra Mundial se encargó de hacer cenizas, además de millones de vidas, una cultura, su idioma y tradiciones. El yiddish fue parte de ese exterminio. (GERTOPÁN, 2010, p. 176-177).

Dona Luísa ainda permanecia apegada à sua cultura e desejava retornar à sua pátria. Os pais de José tinham a expectativa de que pelo menos seu filho pudesse estudar, se tornar médico ou advogado e retornar para a Europa. Juliana R. Cancian explica que esse é um anseio dos povos que passam pela diáspora:

Não totalmente desapegados da terra natal, aqueles que passam pela diáspora mantêm consigo o desejo do retorno, da volta ao local do nascimento. Muitos conseguem esse feito, outros constroem a vida mantendo essa esperança. De fato, parece que uma das implicações da diáspora está, além da hibridização cultural pelo efeito da zona de contato, no desejo de querer regressar ao ponto zero, por um processo consciente ou inconsciente. (CANCIAN, 2007, p. 2).

El callejón oscuro traz a representação da sociedade moderna de pensamento dualista, que não reconhecia o conhecimento indígena. Entretanto, José vai na contramão da sociedade, pois estava mais suscetível ao hibridismo cultural. Além do *iídiche*, José se comunicava em espanhol e aprendeu algumas palavras em guarani. Ele desejava permanecer no Paraguai sem romper totalmente com as tradições judaicas, mas também queria assimilar a cultura paraguaia, tornando-se parte dela.

Ao sair do gueto e frequentar o Mercado o jovem José começou a sentir-se deslocado. Não compreendia o idioma guarani e pareceu ter se chateado ao ser chamado de “gringo” várias vezes: “De nuevo la palabra gringo” (GERTOPÁN, 2010, p. 82). José era considerado

um estrangeiro, ou seja, um estranho naquele lugar, pois ainda não conhecia os costumes e as línguas dos paraguaios e indígenas. Ocorre, porém, um estranhamento duplo, pois os judeus e os paraguaios não se relacionavam. Mas o protagonista não se deixou intimidar, pois estava gostando de descobrir outras culturas, idiomas, cores, sabores e costumes. Ele via o Mercado como um ambiente plural.

El callejón oscuro: um ambiente plural

El callejón oscuro (2010) foi publicado em espanhol e, posteriormente, traduzido para o alemão, o bengali e o inglês. Em entrevista para a revista virtual Última Hora, no dia 1º de outubro de 2010, a escritora informa que a narrativa se ambienta no bairro Pettrossi, zona próxima ao Mercado 4 e retrata um espaço de exilados. Para Gertopán, “La avenida Pettrossi sirve de frontera entre el Mercado 4 y una población, la de los judíos, con sus negocios, además de ser un albergue de indígenas y campesinos” (ULTIMA HORA, 2010). Segundo Gertopán:

A pocas cuadras del barrio Pettrossi existe un callejón oscuro, lugar que da título a la obra. “Allí se presenta toda la miseria humana, como la prostitución, el abuso, el hambre y la degradación”, indica la autora.

Este sitio es clave para la trama, ya que concede la cuota necesaria de misterio. “No es una novela autobiográfica, sino vivencial. Mi texto de ficción tiene un gran componente testimonial”, asegura Gertopán, quien pasó parte de su infancia en la zona (GERTOPÁN *apud* ULTIMA HORA, 2010).

A história dos judeus da Europa oriental foi marcada pela guerra e pelo Holocausto, o que trouxe danos aos seus países e causou a diáspora de famílias que migraram para os países da América Latina,

como o Paraguai, a Argentina e o Brasil. A narrativa *El callejón oscuro* inicia com a troca de cartas entre os primos Ariel e José. Eles pertencem a uma família de judeus poloneses, cujos pais fugiram da Europa entre a Primeira e a Segunda Guerra Mundial e imigraram para o Paraguai. Radicados num bairro de Assunção, capital do Paraguai, seus pais trabalham em lojas localizadas na avenida principal, que separa o bairro de imigrantes judeus do Mercado e da cultura paraguaia.

José, a pedido do seu primo Ariel, escreve algumas notas relembrando a sua infância e adolescência naquele bairro e as descobertas de outras culturas e línguas. As memórias de José são acionadas, assim sendo, pelo pedido do primo. A partir dessa situação, o protagonista se submete a um esforço para recuperar as imagens de sua relação com a família e com o Mercado.

De pronto, sorpresivamente, después de mucho tiempo, recibo una carta donde me convoca a que sea yo el guía de sus recuerdos de infancia y adolescencia. El indicador de un hecho que le duele recordar.

Al leerla sentí que se había quedado suspendido en la nada, sin alma. Era solo un cuerpo hueco, vacío, sin sentidos, porque ninguno de ellos guardaba alguna respuesta ante un aroma, una imagen, un sonido, una textura. El abandono los había adormecido.

Así fue como se inicia este peregrinar por mi pasado, todo gracias a una petición de mi primo Ariel. (GERTOPÁN, 2010, p. 26-27).

Na narrativa, José é um adulto que rememora sua juventude, quando ousou atravessar a avenida para conhecer o Mercado e fazer amizade com outros paraguaios e indígenas, o que lhe era proibido por seus pais. No Mercado, José também descobriu a pobreza, a miséria humana e os abusos. Próximo ao Mercado havia o *callejón oscuro*, um lugar onde havia prostituição, tráfico humano, aborto, mis-

ticismo, jogos de adivinhação e outros jogos ilegais, vendas de ervas medicinais, de animais exóticos, dentre outros. Foi nesse beco escuro que José, já adulto, abriu seu consultório, onde atuava como médico (uma mescla de curandeiro e psicólogo) e tratava de seus pacientes com medicina alternativa. Naquele lugar sórdido, José também fez novas amizades e se sentia realizado em ajudar aquelas pessoas.

De acordo com o pacto autobiográfico, a obra *El callejón oscuro* não é definida como uma autobiografia, apesar de Susana Gertopán ter afirmado que viveu naquele bairro quando era criança, onde existia os lugares mencionados na obra, tais como: o Mercado e o beco escuro. Lejeune afirma que autobiografia é uma “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade” (LEJEUNE, 2014, p. 104). Para que ocorra o pacto autobiográfico descrito por Lejeune, o professor Bungart Neto afirma que a obra precisa estar de acordo com as seguintes categorias:

[...] forma da linguagem (trata-se de uma narrativa em prosa); assunto tratado (história de uma personalidade e de uma vida); situação do autor (identidade entre autor e narrador); e posição do narrador (identidade entre narrador e personagem principal). Para a obra ser considerada autobiografia, é preciso que se cumpram todos os requisitos acima e que haja [...] uma espécie de “contrato de identidade selado pelo nome próprio” (BUNGART NETO, 2012, p. 164).

Ao analisar a obra *El callejón oscuro* na perspectiva dessas quatro categorias, fazemos as seguintes constatações: a) quanto à forma de linguagem: narrativa em prosa; b) em relação ao assunto tratado: história de uma sociedade um grupo (coletivo); c) no tocante à posição do narrador: o narrador é o personagem principal; d) situação do autor: notoriamente podemos observar que a identidade entre o autor e o narrador não é a mesma, pois a autora é feminina e o

narrador é masculino. Mesmo Susana Gertopán dizendo que a obra se originou de memórias de sua infância e de memórias coletivas, nós podemos concluir que a obra *El callejón oscuro* não pertence ao gênero autobiográfico, sendo, portanto, um texto literário de gênero memorialístico.

Susana Gertopán combina várias temáticas e gêneros literários em sua obra. Shøllhammer explica que, na literatura contemporânea, destaca-se a mescla de gêneros:

Ao longo da década de 1980, o elemento mais utilizado para identificar essa vertente pós-moderna era a combinação híbrida entre alta e baixa literatura, propiciada pelo novo diálogo entre a literatura, a cultura popular e a cultura de massa, ou a mescla entre os gêneros de ficção e as formas da não ficção, como a biografia, a história e o ensaio. (SHØLLHAMMER, 2009, p. 30-31).

Na obra analisada, Susana Gertopán mescla ficção e memória, pois, através do narrador-personagem José apresenta um relato memorialístico e alcança seu objetivo lançando mão do fenômeno mnemônico, o qual é explicado por Paulo Bungart Neto nas seguintes palavras:

[...] entende-se o fenômeno mnemônico como a tentativa — por vezes desesperada — de salvar do esquecimento imagens que somente podem ser resgatadas através da rememoração efetuada pelo relato memorialístico, aí atuando, além da lembrança involuntária e da evocação voluntária, uma certa imaginação a preencher os espaços vazios deixados pelo esquecimento. À medida que a imagem lembrada estiver definitivamente fixada em letra impressa, está, aparentemente, salva do esquecimento, a menos que seja novamente “esquecida” em alguma gaveta, estante, arquivo ou estoque de editora, biblioteca ou museu (BUNGART NETO, 2014, p. 58-59).

A rememoração unida à lembrança e, também, à imaginação salvou do esquecimento a memória coletiva de imigrantes judeus no Paraguai, mais especificamente num bairro de Assunção, na metade do século XX. A memória é uma reelaboração presente que nos remete ao passado e é na literatura que a memória e a ficção se misturam.

Desse modo, a literatura se apresenta como novas formas artísticas de traduzir histórias. Nos estudos literários, durante muito tempo, existia apenas a Crítica Literária Tradicional, assim a Crítica Literária Contemporânea veio contribuir ao reconhecer e aceitar literaturas de diferentes grupos culturais e gêneros literários, formando um novo cânone. A Crítica Literária Contemporânea é recente, surgiu no período do pós-guerra, pois houve uma necessidade de criar outras maneiras de contar a história para a preservação da memória.

Nessa nova perspectiva, surge a escola dos Estudos Culturais, sendo Stuart Hall um dos principais teóricos. A reformulação da historiografia literária latino-americana, através de pesquisadores como Antonio Candido, no Brasil, e Ana Pizarro, no Chile, tem dado abertura para a ampliação dos Estudos Culturais e dos Estudos Literários (PIZARRO, 2006). Uma das tendências da literatura contemporânea é o memorialismo, bem como o estudo de literatura de autoria feminina. Dentro dessa diversidade literária dos Estudos Culturais, temos espaço para ser contada essa história: *El callejón oscuro*, de Susana Gertopán.

Sabemos como as grandes guerras afetaram as pessoas e fizeram com que se deslocassem de seus lugares. Muitos imigrantes que chegaram na América Latina no século XX estavam fugindo da guerra e entre suas bagagens trouxeram suas memórias. Uma característica marcante na narrativa de Susana Gertopan, neta de imigrantes judeus, é o memorialismo, o qual está presente em seus romances. Uma definição de gênero memorialístico é apresentada pelo professor José Carlos da Costa, em seu artigo “O gênero memorialístico na literatura e na cultura: reconstrução da experiência humana”:

[...] insere-se no estatuto de textos referenciais que relatam a trajetória de uma vida, são documentos que “servem”, inicialmente, à história. O que possibilita o seu estudo no conjunto da literatura ficcional é a força da linguagem de alguns textos e sua capacidade de se imporem como discurso esteticamente elaborado. É na recriação, na transformação da rememoração em linguagem que surge a “oportunidade poética”. É enquanto produção de linguagem que o relato memorialístico ultrapassa o seu caráter histórico e se vê como ficção (COSTA, 2017, p. 50).

Assim, compreendemos que o gênero memorialístico faz uma releitura do passado, utilizando-se da arte literária para transformar acontecimentos e lembranças em ficção. Nesse sentido, é importante lembrar que a obra está contextualizada no período histórico em que o ditador Stroessner governava o Paraguai, entre 1954-1989. O seguinte trecho de *El callejón oscuro* (2010) traz a representação de como o personagem José vivenciava o medo e a falta de liberdade de expressão durante o governo Stroessner:

Cada vez que salía solo para ir al colegio o para realizar algún encargo, mi padre me advertía que tuviese cuidado con quien hablaba, y con los temas que se discutía, no eran tiempos seguros. A la Policía no les importaba la edad, ni la condición de uno, sencillamente, bajo alguna sospecha te llevaban a prisión y de ahí nadie te sacaba vivo o sin rastros de tortura. (GERTOPÁN, 2010, p. 67).

O medo do governo Stroessner também pode ser considerado mais uma razão para que os judeus paraguaios vivessem isolados em seus guetos, esse era um modo de se protegerem. Assim, a comunidade judaica vivia um autoexílio, como modo de preservar sua cultura e também por causa dos traumas das perseguições políticas que vivenciaram na Europa. O bairro dos imigrantes judeus delimitava seu

o território. Segundo Oliveira (2016, p. 112), o território é “construído por múltiplas relações e interações. Pode ser um conjunto de lugares hierarquizados, interligados por redes, formado por grupos e etnias que mantêm certa ligação”. Desse modo, a territorialidade “se situa na junção de atitudes que englobam, ao mesmo tempo, a fixação e a mobilidade dos lugares”, e a territorialidade humana “envolve uma estratégia espacial para influenciar e controlar recursos e pessoas, por intermédio do domínio de uma área” (OLIVEIRA, 2016, p. 112-113).

Sobre as temáticas dos romances, em seu artigo “Romance: história e teoria”, Franco Moretti declara que:

Aventuras expandem os romances ao abri-lo para o mundo: há um pedido de ajuda — e o cavaleiro parte. Normalmente sem fazer perguntas; e, o que é típico da aventura, o desconhecido não é uma ameaça, é uma oportunidade, ou mais precisamente: não existe mais a distinção entre ameaças e oportunidades (MORETTI, 2009, p. 204-205).

Nessa perspectiva, também encontramos a aventura como temática na obra *El callejón oscuro*. O protagonista José parte numa aventura ao desconhecido Mercado, atravessando a Avenida, desobedecendo as ordens de seus pais. Ele age com a nobreza de um cavaleiro ao querer ajudar as pessoas em suas misérias e até resgata uma “donzela” em perigo — ao socorrer uma menina indígena que estava prestes a ser violentada.

Susana Gertopán aborda muitos conselhos e reflexões para a vida. Walter Benjamin afirma que a arte de narrar está ligada à prática de dar conselhos e que a sabedoria está em extinção. Ele explica que a decadência da narrativa da literatura contemporânea começou a partir da Segunda Guerra Mundial, pois as pessoas voltaram da guerra mudas e traumatizadas. Dez anos depois, muitos livros foram produzidos com essa temática, no entanto não eram frutos de uma narrativa de sabedoria coletiva, e sim de uma experiência

peçoal (BENJAMIN, 1994). No entanto, a narrativa subjetiva, fruto da vivência do autor, também possui sua contribuição para literatura e para a vida. Por meio das narrativas o autor pode representar suas experiências e verdades. Para Franklin L. Silva,

[...] o mundo, a realidade, é o referencial indeterminado dos mundos que se originam da criação artística. Porque a pluralidade dos mundos que nascem da criação se identifica na função *reveladora* da verdade que a obra de arte nos dá a perceber. Disto deriva o profundo compromisso da *narração* com a verdadeira história da consciência e das coisas. (SILVA, 1992, p. 10).

El callejón oscuro é uma obra ficcional que pertence ao gênero memorialístico. Essa narrativa, como um todo, é um modo de reescrever a memória coletiva, buscando cultivar a lembrança de fatos históricos e vivenciais. Percebemos, assim, a importância de termos conquistado a liberdade de usar esse recurso na literatura contemporânea. De diferentes maneiras, esse romance contribui para a preservação da memória coletiva do Paraguai no período pós-guerra. Le Goff dá um sábio conselho: “A memória, na qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens” (LE GOFF, 2003, p. 471). A relevância em conhecer e pesquisar sobre essa obra literária está na preservação da memória coletiva da sociedade e suas relações.

Na narrativa, acompanhamos o amadurecimento do personagem José nas margens físicas e psicológicas entre as duas culturas, judaica e paraguaia, que vai da sua adolescência até a fase adulta. José ousou cruzar as fronteiras do seu bairro:

La lectura era mi único entretenimiento hasta el día en que crucé el puente imaginario y descubrí el otro mundo, el mundo del Mercado. Desde entonces, sólo deseaba

encontrarme en ese territorio, el que también estaba delimitado por un cerco ficticio, y cuya vida interna dependía únicamente de sus habitantes, forasteros que llegaban hasta ahí en busca de sustento. (GERTOPÁN, 2010, p. 43).

Essa ação de José o fez sair da passividade e começar a ter suas próprias descobertas. O ato de atravessar a avenida do seu bairro, conhecer o Mercado e ter contato com os paraguaios, foi decisivo para o desenvolvimento da narrativa. A avenida simboliza a fronteira imaginária e está carregada de significados. Eduardo Coutinho explique que o conceito de “fronteira”:

[...] traz no seu sentido denotativo a ideia de delimitação de campos, suas implicações são tantas, que chegam a sugerir o seu contrário, ou, melhor, a noção de “área indefinida”, “móvel” ou “esgarçada”, e culturalmente problemática, para onde convergem múltiplas tensões e onde se vive numa corda-bamba, oscilando entre polos opostos, e por vezes até contraditórios, enfrentando toda sorte de conflito. Esse sentido, numa primeira instância negativo, tem, contudo, também a sua contrapartida, e pode ser visto como o espaço do diálogo, da troca e de um possível entendimento, o local de um enriquecimento gerado pela própria diferença entre os elementos que se enfrentam. (COUTINHO, 2017, p. 8).

A fronteira também pode ser reconhecida como espaço de diálogo, de troca, de entendimento, de enriquecimento cultural. Na fronteira entre o gueto judeu, onde ocorre a reafirmação das tradições judaicas, e a sociedade paraguaia estão: a avenida (a margem), que separa os dois bairros, e o Mercado 4, um ambiente pluricultural onde o sujeito busca um novo posicionamento identitário.

José narra sua experiência de reconstrução da própria identidade, desconstrói o estereótipo de filho passivo que busca realizar os sonhos dos pais. Torna-se, portanto, personagem ativo, que rompe

com seu passado e se insere num espaço intersticial onde ele muda a si e colabora para mudar o seu entorno. Em *El callejón oscuro*, observamos que, ao cruzar as margens físicas e culturais, o personagem pode dialogar, trocar experiências, adquirir novos costumes e enriquecer culturalmente. Portanto, a fronteira também pode trazer a conotação do entre-lugar, conceituado por Homi K. Bhabha (2013): um local onde ocorre o hibridismo cultural. Com a globalização, as imigrações, as diásporas, as mudanças nos papéis sociais e as inovações do pensamento filosófico, as pessoas estão mudando sua percepção de sujeito e abrindo as possibilidades para reconhecer o pertencimento a várias culturas e ideologias simultaneamente.

A professora Juliana R. Cancian, em “O contexto da diáspora na construção da identidade cultural: a experiência do personagem José Viana, do romance *Sem Nome*, de Helder Macedo”, traz a seguinte definição de diáspora:

Diáspora significa o espalhamento dos povos, que saem de sua terra de origem para concretizar a vida em outros países ou em outros continentes. Seja de forma forçosa ou por opção própria, os povos que abandonam sua casa jamais se desapegam das origens, e mantêm através da tradição a cultura na qual nasceram. Isso se dá pela manutenção da língua, da religião, modo de pensar e agir. Mas essa cultura original, no contexto diaspórico, está em constante transformação, de maneira que novos costumes acabam sendo assimilados e interferem não apenas na identidade pessoal como na identidade coletiva, que por sua vez reflete a identidade cultural de determinado grupo. (CANCIAN, 2007, p. 2).

Para Juliana R. Cancian, a diáspora interfere diretamente na construção da identidade cultural dos povos: “Em verdade, os povos, e tudo que os representa, não começam nem terminam em fronteiras facilmente distinguíveis e, nesse contexto, nossos vizinhos acabam

tendo um papel fundamental na construção do ser que somos” (CANCIAN, 2007, p. 5).

De acordo com Stuart Hall, esse deslocamento dos povos “descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos — constitui uma ‘crise de identidade’ para o indivíduo” (HALL, 2015, p. 10). Assim, a crise de identidade faz parte de um “processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social” (HALL, 2015, p. 9). É por meio dessa crise de identidade que o sujeito se transforma, obtendo outras identidades, às vezes contraditórias.

Considerações finais

Na obra *El callejón oscuro*, de Susana Gertopán, podemos observar que o protagonista José passa por uma crise de identidade. Vemos, por meio da narrativa, o processo de deslocamento de sua identidade, pois, apesar de ser filho de imigrantes europeus, ele também reconhece o Paraguai como seu país e se sente parte daquela comunidade multicultural. A partir disso, refletimos sobre o não lugar e podemos compará-lo ao beco escuro, pois ele não se trata de um projeto urbano arquitetado para estar naquele bairro. É um lugar misterioso, feio, sujo, sem claridade natural, no qual transitavam pessoas que estavam às margens da sociedade. O beco escuro é um “espaço vazio” que era partilhado por muitos sujeitos de diferentes identidades. É um espaço onde aquelas pessoas encontravam liberdade para viver suas experiências e culturas, sem medo da repressão da sociedade.

Esse romance apresenta a construção da identidade cultural híbrida do narrador-protagonista José. Ao narrar suas memórias,

José deixa transparecer os fragmentos com que a sua identidade é constituída: filho de imigrantes poloneses, judeu, nascido no Paraguai, falante de *íidiche* (sua língua familiar), depois de espanhol (castelhano) e posteriormente de guarani. O Paraguai unifica sua identidade múltipla, por isso José se identifica com a comunidade paraguaia. Ao encontrar seu propósito de vida, ele reconhece seu lugar: abre um consultório numa das salas do beco escuro (*callejón oscuro*) e, assim, atende a população carente com terapia e medicina alternativa — pois abandonou o sonho que seus pais tinham de que ele fosse morar no exterior, buscando as raízes dos seus antepassados, no país onde haviam nascido, a Polônia. O beco escuro pode ser considerado uma grande metáfora do “terceiro espaço” e das identidades híbridas.

Podemos concluir que *El callejón oscuro* (2010) é uma obra literária muito rica e que apresenta a possibilidade de refletirmos sobre vários aspectos como: a literatura paraguaia; a literatura memorialística; a literatura escrita por mulheres; a literatura escrita por imigrantes; a questão do exílio e das misérias humanas; a crise e a construção da identidade cultural; as múltiplas identidades que um sujeito pós-moderno pode ter; as representações das culturas judaica, paraguaia e indígena; as representações das mulheres daquela sociedade e das que estavam à margem. O protagonista José narra as memórias de sua adolescência, um fato marcante em sua vida foi o momento em que ele ousou atravessar a avenida e a partir daí ocorreu a crise de identidade, sua identificação com outros grupos culturais, seu reconhecimento como sujeito paraguaio e a construção de um novo sujeito com várias identidades culturais. O jovem rapaz não era mais apenas um neto de imigrantes poloneses, judeu, falante do idioma *íidiche*, mas também se reconheceu como paraguaio, falante de espanhol e de guarani, estudioso e praticante de outras filosofias, crenças e medicinas alternativas. Na narrativa, observamos a representação do sujeito pós-moderno que possui múltiplas identidades culturais,

assim como a representação da comunidade judaica, dos camponeses e dos indígenas que fazem do Paraguai um país multicultural: *El callejón oscuro* é um ambiente plural!

Referências

BENJAMIN, Walter. O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197-221.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

BUNGART NETO, Paulo. Teorias da memória – diversidade e amplitude de enfoque: memória coletiva e memória individual. In: BUNGART NETO, Paulo. *Augusto Meyer Proustiano: a reinvenção memorialística do eu*. Campo Grande: Ed. UFMS; Dourados: UFGD, 2014. p. 41-78.

BUNGART NETO, Paulo. O reconhecimento tardio da autobiografia como gênero legítimo: Philippe Lejeune e seu “exército de um homem só”. In: PINHEIRO, Alexandra S.; BUNGART NETO, Paulo. (org.). *Estudos culturais e contemporaneidade: literatura, história e memória*. Dourados: Ed. UFGD, 2012. p. 161-180.

BUNSE, Heinrich A. W. *O iídiche: a língua familiar dos judeus da Europa oriental e sua literatura*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1983.

CANCIAN, Juliana. R. O contexto da diáspora na construção da identidade cultural: a experiência do personagem José Viana, do romance *Sem Nome*, de Helder Macedo. *BOCC - Biblioteca on-line de Ciências da Comunicação*, Portugal, p. 1-12, 2007. ISSN: 1646-3137. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/cancian-juliana-contexto-da-diaspora.pdf>. Acesso em: 21 abr. 2020.

COSTA, José C. O gênero memorialístico na literatura e na cultura: reconstrução da experiência humana. *Guará*, Revista de Linguagem e Literatura, Mestrado em Letras da PUC Goiás, Goiânia, v. 7, n. 1, p. 50-64, jan./jun. 2017. Disponível em: <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/guara/article/view/1202>. Acesso em: 03 set. 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.18224/gua.v7i1.1202>

COUTINHO, Eduardo F. O comparatismo e seus diálogos nos tempos de hoje. *ComparArte*, Rio de Janeiro, v. 1, n.1, p. 8-19, jan./jun. 2017.

- GERTOPÁN, Susana. *El callejón oscuro*. Asunción: Servilibro. 2010.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 12. ed. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Trad. Bernardo Leitão [et al.]. 5. ed. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2003.
- LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Org. Jovita Maria Gerheim Noronha; trad. Jovita Maria Gerheim Noronha. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2014.
- MORETTI, Franco. O romance: história e teoria. Tradução: Alípio Correa e Sandra Correa. *Novos estudos*, CEBRAP, São Paulo, n. 85, p. 201-212, 26 nov. 2009.
- OLIVEIRA, Ailson B. Identidade urbana: paraguaios em Dourados-MS. *Revista Eletrônica da Associação dos Geógrafos Brasileiros, Seção Três Lagoas*, n. 23, ano 13, p. 102-134, dez./maio 2016. ISSN 1808-2653.
- PIRUK, Cynara Almeida Amaral. *Crescer nas margens: memória e identidade cultural em El callejón oscuro, de Susana Gertopán*. 99 f. 2020. Dissertação (Mestrado em Letras – Literatura e Práticas Culturais) – Programa de Pós-Graduação em Letras da Faculdade de Comunicação, Artes e Letras da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), Dourados-MS, 2020.
- PIZARRO, Ana. *O Sul e os trópicos: ensaios de cultura latino-americana*. Trad. Irene Kallina, Liege Rinaldi. Niterói: EDUFF, 2006.
- SEIFERHELD, Alfredo M. *Los judíos en el Paraguay*. Asunción: Servilibro, 2012.
- SHØLLHAMMER, Karl E. Breve mapeamento das últimas gerações. In: SHØLLHAMMER, Karl E. *Ficção brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. p. 21- 51.
- SILVA, Franklin L. Proust: tensões do tempo. *Artepensamento: ensaios filosóficos e políticos*. [S. l.: s. n.], 1992. Disponível em: <https://artepensamento.com.br/item/bergson-proust-tensoes-do-tempo/>. Acesso em: 05 nov. 2018.
- ULTIMA HORA. *Susana Gertopán gana el premio literario Lidia Guanés*. Asunción. 01 out. 2010. Disponível em: <https://www.ultimahora.com/susana-gertopan-gana-el-premio-literario-lidia-guanes-n363840.html>. Acesso em: 29 jun. 2018.